



ANÁLISE DE UM OBJETO EDITORIAL COMO
POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA AOS DISCURSOS DE
ÓDIO E DE ENFRENTAMENTO À DESINFORMAÇÃO



ANALYSIS OF AN EDITORIAL OBJECT AS A
POSSIBILITY OF RESISTANCE TO HATE DISCOURSE
AND FIGHTING DISINFORMATION

Mayara Victor GOMES

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Márcio Antonio GATTI

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 05/11/2023 • APROVADO EM 20/06/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1311>

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a publicação do livro *KIT GAY: Atividades lúdicas para toda a família!*, de Kael Vitorelo, em relação às desinformações contra o projeto Escola Sem Homofobia (ESH), iniciadas, em 2004, pela Frente Parlamentar Evangélica (FPE) e retomadas, em 2018, pelo então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro. Diante do recente cenário brasileiro, que se apresenta saturado de conflitos entre movimentos sociais progressistas e conservadores, especialmente quanto às pautas identitárias

referentes ao gênero e à sexualidade, buscamos verificar se a publicação constitui uma forma de resistência aos discursos de ódio contra as pessoas LGBT+. A hipótese é a de que o livro é uma tentativa de reversão de estigma. Para tanto, mobilizamos o arcabouço teórico da Análise do Discurso francesa (AD), sobretudo as contribuições de Maingueneau (2008) e de Krieg-Planque (2010, 2018). Tratamos o discurso presente no objeto editorial em questão, considerando que ele é composto também por outros dizeres e faz referências a já-ditos e ao outro (aquele discurso com o qual entra em disputa). Construimos, portanto um espaço discursivo que associa o discurso de Bolsonaro e seus apoiadores da FPE e o discurso presente na obra. Verificamos que a resistência aos discursos de ódio se dá por meio do apelo ao humor e à ironia, e que a aparência de almanaque dada ao livro é uma evidência de como o discurso de resistência traduz o outro com as lentes da irreverência para prová-lo como absurdo. Encontramos, portanto, uma polêmica que sobrevive no meio digital há mais de 18 anos, e passou a figurar no meio impresso e isso é significativo para começarmos a pensar a materialidade na qual os discursos de resistência de materializam na contemporaneidade.

Abstract

This paper aims to analyze the publishing of the book *KIT GAY: Atividades lúdicas para toda a família!*, by Kael Vitorelo, in relation to the disinformations against the Escola Sem Homofobia (ESH) project, initiated in 2004, by the Frente Parlamentar Evangélica (FPE) and restarts in 2018, by then-presidential candidate Jair Messias Bolsonaro. Given the recent Brazilian scenario, which presents itself saturated of conflicts between progressive and conservative social movements, especially in regarding to the identity agenda related to gender and sexuality, we seek to verify if this publication constitutes a form of resistance to the hate discourse against LGBT+ people. The hypothesis is that the book is an attempt to reverse the stigma. To this end, we will mobilize the theoretical framework of the French Discourse Analysis (AD), especially the contributions of Maingueneau (2008) and of Krieg-Planque (2010, 2018). We treat the discourse present on the editorial piece in question, considering that it is composed also by other sayings and makes references to already-said and to the other (that discourse which it enters in dispute). Thus, we built a discursive space that associates Bolsonaro and his FPE supporters' discourse and the discourse present on the book. We verified that the resistance to hate discourses occurs through the appeal to humor and irony, and that the appearance of almanac given to the book is an evidence of how the resistance discourse translates the other under the lens of irreverence to prove it preposterous. Therefore, we find a polemic that has persisted on digital media for more than 18 years and began to appear in the printed medium and that is meaningful for us to start thinking about the materiality on which the resistance discourses are inscribed in contemporary times.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Polêmica. Kit Gay. Desinformação. Resistência. Discurso.

Keywords: Controversy. Kit Gay. Disinformation. Resistance. Discourse.

Outro patamar de *fake news*

Em 28 de agosto de 2018, Jair Messias Bolsonaro, enquanto um dos presidenciáveis mais bem pontuados na pesquisa Datafolha¹ de intenção de votos, foi convidado para participar da série de entrevistas, ao vivo, do Jornal Nacional na TV Globo². Na ocasião, para esquivar-se de responder sobre algumas de suas declarações homofóbicas citadas pela jornalista Renata Vasconcelos, o então candidato mostrou o livro *Aparelho sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas*, sacudindo-o e afirmando que o exemplar fazia parte do que ele nomeou de kit gay (Jair [...], 2018; Jair Bolsonaro (PSL) [...], 2018).

Kit gay é a alcunha depreciativa criada pela Frente Parlamentar Evangélica, em 2004, e utilizada por Bolsonaro e seus apoiadores, principalmente durante as eleições de 2018, para referirem-se ao projeto Escola sem Homofobia (ESH). O ESH foi lançado pelo Ministério da Educação (MEC), junto à Secretaria de Educação Continuada, Diversidade e Inclusão (SECAD) do governo Lula, em 2004, para responder à demanda de ações de combate à homofobia que foi suscitada em debates de esfera global na Conferência Mundial de Beijing, da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1995 e na Conferência de Durban, em 2001 (BRASIL, 2004; CÊA e SANTOS, 2021). O projeto estava ligado ao programa Brasil sem Homofobia (BSH), porém, foi vetado, em 2011, pelo governo Dilma, em decorrência da pressão política da oposição apoiada por uma parcela conservadora e religiosa da população (Leite, Vanessa Jorge, 2019; Leite, Vanessa, 2019; Cêa e Santos, 2021; Santos, 2022).

Atualmente, a expressão pode ser considerada um *guarda-chuva* para as muitas *fake news* que se proliferaram nos últimos 13 anos e relacionaram sordidamente os partidos de esquerda, a sexualidade e a infância (Leite, Vanessa Jorge, 2019; Leite, Vanessa, 2019; Cêa e Santos, 2021; Santos, 2022). Começando pela circulação massiva da falsa afirmativa de que o então ministro Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), teria feito, por meio do Ministério da Educação (MEC), chegar às mãos de crianças de seis anos de idade um kit que supostamente serviria para ensinar estas a serem homossexuais. A boataria inclui ainda outros *causos*, como a mamadeira erótica para as pré-escolas – vulgarmente conhecida por mamadeira de piroca, a criação de banheiros unissex nas escolas, a descriminalização da pedofilia, o financiamento da exposição *O cu é lindo*, em Salvador, e o lançamento da drag queen e cantora Pabllo Vittar à presidência (É # fake [...], 2018; Becker, 2020; Quessada, 2022).

Bolsonaro, ao carregar consigo o livro *Aparelho Sexual e Cia* para a entrevista, ao mesmo tempo que desrespeitou a regra que proibia a exibição de qualquer material, estabelecida para todos os candidatos daquelas eleições, também alçou a desinformação a outro patamar. Naquele ato enunciativo singular, o agora ex-presidente arrebatou o livro ilustrado por Zep para o centro do

¹ Disponível em:

<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/28/b469d4556e176c907bad8986ccc459cd.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10872173/>. Acesso em: 17 out. 2022.

mecanismo da sua *catapulta eleitoreira* (Leite, Vanessa Jorge, 2019), participou ativamente da origem, da retomada e da expansão da *fake news* do kit gay e deu continuidade às disputas morais que estão em voga na contemporaneidade em torno das questões de gênero e sexualidade, adicionando a elas a temática da defesa das crianças e dos adolescentes.

É no desenrolar deste contexto de desinformação orquestrada a respeito do projeto Escola Sem Homofobia (ESH) que este artigo analisa a publicação do livro *KIT GAY: atividades lúdicas para toda a família!*³ (Vitorelo, 2021). O objetivo principal é verificar se a publicação pode ser considerada uma forma de resistência aos discursos de ódio contra as pessoas LGBT+⁴, calcados em desinformação, os quais fundamentaram a vitória eleitoral da extrema direita no Brasil, em 2018, e seu modo de governar nos quatro anos subsequentes. Trata-se de compreender, mais especificamente, que tipos de elementos da polêmica foram tematizados pelo livro, qual é o posicionamento expresso por sua materialidade e como se dá o recorte desse posicionamento (ou o de seu outro).

Desinformação, política e tecnologia

Segundo Quessada (2022), a seleção temática que tem feito parte da arquitetura das *fake news* contra a esquerda brasileira, não se deu ao acaso, mas se mostrou como algo muito bem engendrado e eficiente, por mais bizarros e absurdos que fossem alguns temas. Isso fica mais evidente, através da tipologia do autor que mostra que tais *fake news* se dirigiram a mais de um político de esquerda, de que elas tiveram seu ápice em momentos de eleição, visando a destruição de suas reputações, de que se voltam para temas do campo moral-religioso e de que insistem em temas sensíveis e medos da população brasileira. O trabalho do referido autor cita, especificamente, Fernando Haddad - PT, Manuela Dávila - PCdoB, Marcelo Freixo - PSOL, Marielle Franco - PSOL, Maria do Rosário - PT).

Há temas que persistem e sobrevivem em determinada memória⁵ de discursos conservadores, o medo do comunismo é um deles. Outros são mais

³ O tachado é um recurso utilizado na capa do livro e foi replicado aqui por ser significativo para análise. É onde se observa a retomada do vocábulo *família*, que tem sido disputado na contemporaneidade entre os polos conservador e progressista, tanto nacional quanto internacionalmente.

⁴ Optamos pela utilização da sigla oficializada na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada de 05 a 08 de junho de 2008, em Brasília - DF, por ter a menor das configurações dos últimos anos, esperamos que essa decisão dê fluidez à leitura. Entretanto, atualmente a sigla mais utilizada pelos movimentos e associações é "LGBTQIAPN+". Cada atualização oficial buscou representar diferentes grupos e ser menos excludente. Essa dinâmica no processo de siglação mantém as pautas do movimento pelos direitos sexuais e de gênero sempre acesas na memória coletiva, uma vez que vai na contramão das propriedades básicas da sigla, como "resumir, ocupar menos espaço, dizer mais rápido" (Krieg-Planque, 2018, p. 191).

⁵ A respeito de memória discursiva, ver Courtine, 2009.

novos como o medo da *ideologia de gênero*⁶ nas escolas, da destruição da *família*. Temas que muitas vezes foram ignorados por parte da imprensa, pela sua própria natureza, mas que ganharam voz e eco nas redes sociais, aplicativos mensageiros e figuraram como protagonistas no debate político.

Assim, o autor defende que o discurso contra a esquerda brasileira encontra respaldo no discurso religioso, conservador, moralista. Sua catalogação de 183 desinformações contra a esquerda brasileira, já desmentidas por agências de checagem, constatou que setenta por cento delas refere-se a três grandes temas: direitos humanos, associação da esquerda com a criminalidade, corrupção e fraude nas eleições, destruição dos valores cristãos e da família tradicional com incentivo claro à homossexualidade e pedofilia. Nas palavras de Quessada,

As narrativas criadas mostram que os políticos e partidos esquerdistas preferem a defesa dos bandidos a lutar em favor do cidadão de bem, utilizam da corrupção em seus atos e buscam vencer as eleições mediante fraude, além de atentarem contra a fé cristã, ao erguerem bandeiras em favor da homossexualidade, da pedofilia e da ideologia de gênero (Quessada, 2022, p. 104).

Além disso, o autor chama a atenção para a força e a durabilidade de algumas delas, como é o caso da *fake news* sobre o kit gay. Trata-se de duas características que comprovamos ao examinar duas falas marcantes de Bolsonaro, com oito anos de intervalo entre elas. Na primeira, em discurso à Câmara dos Deputados, em 2010, *kit* ainda não tinha sido adjetivado, mas já assumia valor pejorativo numa narrativa que além de descontextualizada, produziu inverdades a respeito do ESH e apelou a um público muito específico, que apesar do vocativo *pais*, era constituído por congressistas com poder decisório efetivo na esfera federal:

Sr. Presidente, meus companheiros, quero tratar de um assunto que, no meu entender, em 20 anos de Congresso Nacional, é o maior escândalo de que já tomei conhecimento. Não tem nada a ver com corrupção. Afinal de contas, esse é um tema corriqueiro neste Governo. Na semana passada, houve reunião na Comissão de Direitos Humanos e Minorias, em conjunto com a Comissão de Educação, com a presença do Sr. André Lázaro, Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do MEC. Estava presente uma plateia composta de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Essa turma toda

⁶ *Ideologia de gênero* é a maneira vilipendiosa com que atores políticos neoconservadores, sobretudo os religiosos, têm nomeado às políticas públicas que fomentam a educação sexual nas escolas. No Brasil o termo ganhou força, a partir de 2004, com a fundação do movimento *Escola sem Partido* (Machado, 2020). *Ideologia de Gênero* não se confunde com *Identidade de Gênero*. Esta última trata-se de uma categoria complexa que articula sexo, identidade social, prática sexual e desejo, a partir das reflexões da filósofa Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, de 1990. Para a filósofa, interessa a *ideia de performance*, isto é, a *identidade de gênero* não necessariamente é definida em termos do sexo ou função biológica, isto é, pelo binômio homem/mulher. Assim, o corpo pode passar a ser pensado não mais como um dado fixo, ou natural, mas como uma “superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada” (Butler, 2003, p. 198).

reunida tomou decisões de que esta Casa não está sabendo. E digo mais: a maioria dos integrantes da Comissão de Educação também não está sabendo dessa decisão. Atenção, pais de alunos de 7, 8, 9 e 10 anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um *kit* intitulado Combate à Homofobia. *Na verdade, é um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade.* Esse kit contém DVDs com duas historinhas. Seus filhos de 7 anos vão vê-las no ano que vem, caso não tomemos uma providência agora [...] (Brasil, 2010 – grifo nosso).

E a segunda fala, no *Jornal Nacional*, em 2018, como já mencionado, na qual Bolsonaro se dirige à população geral, convocando novamente uma suposta figura protetiva paternal a uma cruzada contra a esquerda no território nacional:

Jair Bolsonaro: Olha só, isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E eu passando nos corredores da Câmara, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: “Vai haver alguma parada de orgulho gay na Câmara?”. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Repito, 9º Seminário LGBT Infantil. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como “*kit gay*”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, *o pai* que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.

Jair Bolsonaro: Não, mas é um livro escolar. É para criança, é um livro para a criança, os pais não sabem que isso está na biblioteca.

William Bonner: Nós temos uma regra, candidato, que eu estou lembrando, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis... (Jair..., 2018b – grifo nosso).

Nesse intervalo de tempo, houve um martelamento, isto é, uma repetição incessante desses itens lexicais específicos e articulados politicamente em muitos outros contextos pênhas de desrespeito, ofensa e ameaça à existência de pessoas inseridas no espectro LGBT+. O termo martelamento é utilizado por Krieg-Planque (2018) para se referir à estética da repetição que marca os serviços de propaganda, especialmente em regimes totalitários, autoritários e ditatoriais.

Assim, mesmo depois que o MEC desmentiu a informação, em 2010 (quando Bolsonaro foi eleito deputado), e o Tribunal Superior Eleitoral mandou retirar do ar os links que associavam o PT à alcunha, em 2022 (última eleição presidencial) essas falas continuaram sendo retomadas e atualizadas em diversas esferas midiáticas por Bolsonaro e atores do campo conservador, inclusive no horário

gratuito da propaganda eleitoral na TV e no rádio. É lamentavelmente notável que uma mentira tenha circulado por tanto tempo e em tantas materialidades, mas constitui indício importante do modo de circulação de determinados discursos que apelam à desinformação.

O uso de mentiras na política não é uma temática nova nas reflexões das humanidades. A filósofa Hanna Arendt, no ensaio *Verdade e política*, de 1967, discute essa má relação, buscando responder que prejuízos o poder político pode causar à verdade, especialmente com a profusão de mentiras organizadas. Para Arendt, o resultado de uma substituição convincente, total e deliberada da verdade pela mentira não é só que as mentiras passam a ser aceitas como verdades, nem é que a verdade passa a ser difamada como mentira, mas que o sentido através do qual nos orientamos no mundo real fica destruído. A autora já considerava, nesse texto, a influência da relação entre verdade, mentira, política e os meios de comunicação de massa, que estavam em crescimento na época de sua escrita e foram usados na manipulação do fato e da opinião. Manipulação que segundo ela ficou evidente na reescrita da história, no fabrico de imagens e na política dos governos (Arendt, 2016).

De tal modo, a filósofa distingue a mentira política tradicional, isto é, anterior à mídia de massa, e à mentira política moderna. A primeira incidia sobre segredos autênticos da vida diplomática (informações que nunca tinham sido tornadas públicas), ou sobre intenções (apenas potencialidades). As mentiras políticas modernas, pelo contrário, não seriam da ordem do segredo, mas construídas sobre fatos conhecidos praticamente por todos. Citando como exemplo a tentativa de apagamento de Trotsky da história da revolução russa através da edição de fotografias e arquivos, Arendt resume: “noutros termos, a diferença entre a mentira tradicional e a mentira moderna remete o mais das vezes para a diferença entre ocultar e destruir” (Arendt, 2016, p. 22).

De acordo com a linha do tempo criada pelo *International Center for Journalists*, no *Pequeno guia da história das fake news*, a primeira mentira política de que se tem registro é do século I a.C., quando Otávio (que viria a ser o imperador romano Augusto) promoveu uma campanha de difamação contra Marco Antônio, acusando o amante da rainha egípcia Cleópatra de ser um bêbado mulherengo. As mentiras foram talhadas em breves inscrições sobre moedas (Posetti e Mathews, 2018).

Hoje, temos as redes sociais digitais como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Instagram* e o *WhatsApp* no lugar de moedas e tudo nos alcança de maneira súbita, por meio dos mais variados dispositivos digitais e interfaces. Não apenas lemos, ou ouvimos, mas interagimos com as informações quase que ao mesmo tempo em que elas são produzidas - sejam elas verdadeiras, ou não. Assim, entendemos que não há inovação no uso de mentiras, falseamento dos fatos, ou difamação contra oponentes políticos, mas no uso de *fake news* sim, pois são mentiras que contam com o apoio das *Tecnologias da Informação e da Comunicação* (TICs) para circular, alcançando um papel relevante para conturbar o andamento de eleições, e ainda provocando transtornos incomensuráveis em situações como a Pandemia de COVID-19, como demonstrado no trabalho de Recuero (2021).

O que permite, como afirma Silva (2017) que falsidades sejam disseminadas com velocidade, simplicidade, baixo custo e abrangência geográfica imensas. Além

de serem lucrativas, uma vez que lidamos com a industrialização da notícia falsa, que “faz dinheiro com anúncios que são alocados por instrumentos regidos por algoritmos que premiam sites com maior visibilidade, acesso, compartilhamento” (Silva, 2017, p. 1).

Em 2017, o estudo Robôs, redes sociais e política no Brasil, da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP) mostrou que *kit gay* foi tema de cerca de um milhão de tuítes - um exemplo, segundo Martins (2020), da articulação entre as redes sociais digitais e os veículos tradicionais de comunicação. A pesquisa *Desinformação na era digital: ampliações e panorama das Eleições 2018*, também da FGV, verificou que algumas publicações tiveram seu alcance aumentado artificialmente, através dos chamados *amplificadores falsos*. Segundo o estudo,

As interferências promovidas por robôs ocorreram muitas vezes de forma articulada e sincronizada, a partir de botnets (redes de robôs). No período de pré-campanha, ao menos três redes de robôs foram responsáveis por publicar, em uma semana, 1.589 tuítes. As mensagens buscavam, de forma geral, impulsionar e/ou desmobilizar candidaturas, principalmente nos núcleos de maior polarização: Jair Bolsonaro-Lula/Haddad (FGV DAPP, 2023, p. 26).

De tão presente no cotidiano, a expressão *fake news* tornou-se complexa, e a literatura acadêmica tem preferido falar em desinformação, pela possibilidade de abranger todo tipo de veiculação de boato e para “ressaltar a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos” (Martins, 2020, p. 8).

É essa complexidade que tem movido pesquisadores, instituições e grupos da sociedade civil, como a FGV DAAP (Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas) e o Intervezes (Coletivo Brasil de Comunicação Social) a compreender o ambiente comunicacional contemporâneo e sua inseparabilidade da política. Um dos problemas centrais posto pelo coletivo no livro *Desinformação: Crise política e saídas democráticas para as fake news*, que se alinha às afirmações de Quessada (2022), é a construção intencional das ondas de desinformação pela extrema-direita. Um cenário que prova que a desinformação não se constitui por equívocos, exageros, ou mal-entendidos, mas sim por “uma estratégia política de destruição da democracia” (Martins, 2020, p. 08).

Outra questão posta pelo Intervezes, que nos é cara, enquanto estudiosos dos textos, é a urgência de compreender e enfrentar a opacidade da gestão algorítmica da informação, pois ela tem a ver com a alienação do usuário em relação à técnica, isto é, aos mecanismos que selecionam, sugerem, exibem e definem os conteúdos aos quais tem acesso. Esses mecanismos também são responsáveis por facilitar a separação das pessoas em grupos de pessoas semelhantes, através da personalização de conteúdo. São as famigeradas bolhas sobre as quais alguns estudiosos têm se debruçado como é o caso do ativista da internet Eli Pariser (Eli [...], 2011; Silva, 2017).

As soluções propostas para esses problemas variam: desde deixar de lado a expressão *fake news* para focar na formulação de notícias mais amplas que ajudem

as pessoas que pensam de maneiras contrárias a se entenderem melhor até o monitoramento, por parte de todas as instâncias sociais, dos atores que de fato organizam as estratégias da desinformação e que são beneficiados pelos sentidos promovidos e intensificados por elas. Dessa forma, podemos pensar a dimensão algorítmica nos discursos em circulação, na esteira de Salgado (2021), que considera as formas atuais e hegemônicas pelas quais a língua textualiza-se nos dispositivos digitais e manifestar nosso interesse tanto por lugares onde o diverso convive, como por uma inteligência artificial auditável. Junto a Salgado, estamos falando de

Considerarmos as materialidades inscricionais como participantes da produção dos sentidos, assumirmos o que há da tela pra lá como condicionante dos dizeres, incluir a linguagem de programação no entendimento da multimodalidade dos textos em língua natural e levar em conta os objetos técnicos em que os discursos se textualizam (Salgado, 2021, p. 23).

Um certo interesse pelos sentidos

Afirmar que este artigo se apoia na Análise do Discurso de tradição francesa (AD) é apontar para um caminho teórico analítico empenhado na conscientização sobre a produção dos sentidos, através da investigação da materialidade dos textos. Isso não quer dizer que nos limitaremos à análise das unidades exclusivamente linguísticas (palavras, frases, parágrafos etc.), ou que essa escolha requer independência de outras disciplinas, pelo contrário, escolhendo o discurso como objeto, somos obrigados a admitir que estamos “diante de objetos que parecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos” (Maingueneau, 2008, p. 16).

Dizendo de outra maneira, pensar textos na história é considerar que todo dizer é situado e isso implica refletir sobre suas condições de produção. Trata-se, de maneira geral, de entendermos por que um determinado enunciado foi produzido, em uma dada conjuntura histórica, e não outro em seu lugar. Em termos práticos, para a definição de discurso, consideramos sua natureza ambígua, descrita na segunda acepção do Dicionário de Análise do Discurso organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008). Nela, Maingueneau entende que discurso pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos quanto o próprio conjunto de textos. O autor exemplifica: “o discurso comunista é tanto o conjunto dos textos produzidos pelos comunistas quanto o sistema que permite produzi-los, a esses e a outros textos qualificados como comunistas” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p.168).

Portanto, pensaremos o livro de Vitorelo, nosso objeto de análise, não somente sob o ponto de vista das unidades linguísticas, mas também considerando o momento histórico que fornece a razão para as estruturas de sentido que ele manifesta. Nesse aspecto, é preciso remeter a Pêcheux (2009), para quem

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é

determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é reproduzidas) (Pêcheux, 2009, p. 146 – grifo do autor).

Entendemos, assim como Maingueneau (2008), que o discurso não é uma camada mais profunda em relação a uma superfície textual. Se, no passado, os estudiosos priorizavam a superfície textual e ora a profundidade, o estudioso francês opta por rebater essa metáfora arquitetural e a concepção estática do discurso, com o objetivo de se debruçar sobre o que ele nomeia, evocando Derrida, de “energia viva do sentido” (Maingueneau, 2008, p. 19).

Buscaremos, assim, por essa vivacidade. E sentido, aqui, não é considerado como algo diretamente acessível, ou estável, preso a uma palavra, ou a um enunciado, ou a um conjunto de enunciados e aguardando para ser decodificado meramente. Longe disso, o sentido de que trata a AD é “continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção de sentido é, certamente, obra de indivíduos, mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis” (Maingueneau, 2015, p. 29).

Em suma, o discurso é interativo, pois qualquer enunciação (produzida na presença ou não de um destinatário) supõe a presença de um outro. O que nos leva a dar prioridade ao espaço de troca entre os discursos (o interdiscurso) como fundamental para a produção dos efeitos de sentido (Maingueneau, 2008). No caso deste trabalho, que se debruça sobre um objeto inserido em uma polêmica, a relação estabelecida é de antagonismo entre dois discursos (O discurso do Kit Gay 1 e o discurso do Kit Gay 2) e por isso nos interessa especialmente os conceitos de simulacro e interincompreensão regulada formulados por Maingueneau (2008, p. 100).

Interincompreensão regulada quer dizer que dois, ou mais discursos em contraposição não se compreendem, mas se incompreendem a partir de sua semântica global percebendo o outro sobre a forma de um simulacro, isto é, de uma tradução do outro. Nas palavras do autor, “a relação polêmica, no sentido mais amplo, longe de ser o reencontro acidental de dois discursos que se teriam instituído independentemente um do outro, é de fato a manifestação de uma incompatibilidade radical, a mesma que permitiu a constituição do discurso” (Maingueneau, 2008, p. 21). E quando falamos de tradução, nesse escopo, não tem a ver com aquela que se faz de um idioma a outro, estamos nos referindo à opacidade e as zonas de interincompreensão que existem no interior de uma mesma língua (Maingueneau, 2008).

Como afirmado anteriormente, este trabalho está atrelado a uma pesquisa de mestrado interdisciplinar⁷ sobre polêmicas que envolveram a literatura infantojuvenil e a sexualidade, no Brasil. Foi durante a busca e a coleta de material, na web, para a constituição do corpus desta pesquisa primeira que nos deparamos com a existência do livro de Vitorelo. Assim, para este artigo, nos contentamos em

⁷ Trata-se da pesquisa *Estudo interdisciplinar de polêmicas em torno da sexualidade e livros para a infância*, de Mayara Victor Gomes; vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos, campus de Sorocaba (PPGECH-So), sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti.

tratar o discurso presente no livro *Kit Gay: Atividades lúdicas para toda a família*, considerando que ele é composto também por outros dizeres e faz referências a já-ditos e ao outro (aquele discurso com o qual entra em disputa).

Escolhemos construir, portanto, um espaço discursivo que associa o discurso de Bolsonaro e seus apoiadores da Frente Parlamentar Evangélica, que funciona à base da desinformação em relação ao ESH e contra às reivindicações do movimento LGBTQ+ (doravante *Kit Gay 1*), e o discurso presente em Vitorelo (2021), que pretende instruir sobre as pautas do movimento LGBTQ+ e desmentir o que foi atribuído falsamente ao ESH e às reivindicações do movimento LGBTQ+ (doravante *Kit Gay 2*). Nossa hipótese é a de que a resistência aos discursos de ódio e de desinformação que formulam os estigmas negativos contra as pessoas LGBTQ+ se dá por meio de retomadas, e apelando ao humor e à ironia.

Antes de ser um livro, *Kit Gay: Atividades lúdicas para toda a família!* foi um zine de título semelhante publicado de maneira caseira por Kael Vitorelo, em 2018, para circular e ser vendido em feiras como a *Perifacon, Mioslos e Des.gráfica*, que têm como objetivo incentivar e promover ações culturais relacionadas ao universo *pop* e ao dos quadrinhos em contextos diversificados. O material continha apenas um bonequinho de papel para recortar e vestir. Nota-se também, que em seu suporte inscricional primeiro, não contava com o tachado vermelho sobre o sintagma preposicional *para toda a família!* Como é possível observar na figura 1, a seguir:



Figura 1 – Zine *KIT GAY: atividades lúdicas para toda a família!*
Fonte: Facebook de Kael Vitorelo (out. 2023).

A publicação, pela editora Veneta, deu outras condições materiais ao texto do zine. O bonequinho de recortar e vestir agora está na companhia de outras atividades, como: *Ligue os pares, O jogo da vida, Conhecendo e colorindo as bandeiras e etc.* A obra mede 12x18x0,80 e pode ser adquirida através dos principais sites de vendas de livros na internet.

Já na capa, há vestígios de pelo menos dois pontos de vista incompatíveis que estão em jogo, habitando a mesma materialidade: O posicionamento do *Kit Gay 2*, que afirma que as questões de sexualidade e de gênero podem e devem ser discutidas com todos os membros da família, inclusive com as crianças e os

adolescentes, e o seu oposto, o discurso do Kit Gay 1, que falseou e depreciou o objetivo do programa Escola sem Homofobia de discutir essas questões nas escolas e com as famílias, como forma de enfrentamento à homofobia. Como é possível verificar na figura 2, a seguir:

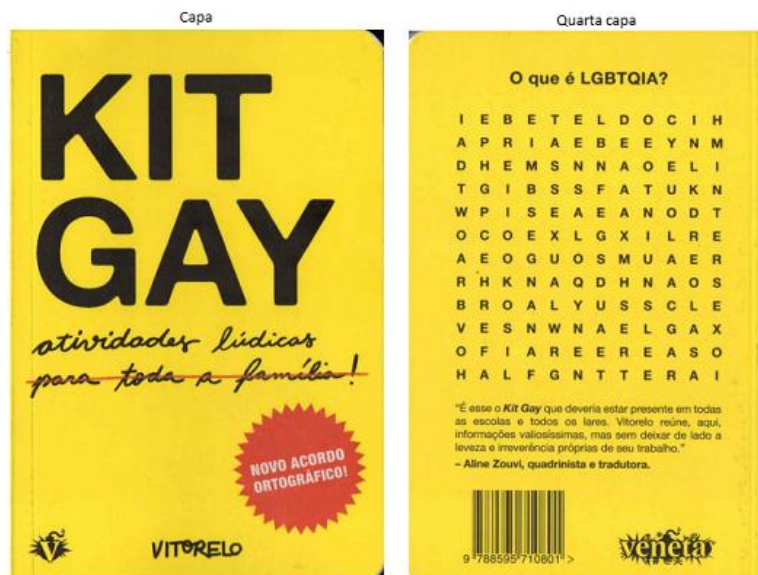


Figura 2 – Capa e quarta capa do livro KIT GAY: atividades Lúdicas ~~para toda a família!~~
Fonte: Vitorelo (2021).

O posicionamento do Kit Gay 1, descrito sumariamente na introdução deste artigo, é evocado pela memória interdiscursiva no próprio título do livro, que é uma retomada em letras garrafais da cristalização pejorativa utilizada por Bolsonaro e seus apoiadores e, também, pelo recurso gráfico do tachado em cima de *para toda a família!*, que lembra uma marca de revisão textual feita à mão, na cor vermelha. Desse modo, o traço que nega é o mesmo que afirma, produzindo o efeito de sentido de ironia no texto, com um tom irreverente. Esse tom também é reafirmado pela quarta capa, que encena um caça palavras de revista de passatempo com as palavras das letras da sigla LGBTQIA, ao invés de trazer um resumo do conteúdo como é usual.

Eis o primeiro indício de ironia, como um canal instaurador de polifonia. (Ducrot, 1987). Haveria um Kit gay com atividades lúdicas para toda a família e um Kit gay, apenas com atividades lúdicas. A enunciação da capa, aparentemente promove concordância com a negação delineada pelo tachado. Isto é, os conteúdos do ESH não serviriam *para a família inteira, não seriam para todos os membros da família, não seriam para crianças, ou adolescentes*, como se concordasse com o já-dito a esse respeito e rememorado pela censura da marca vermelha. Entretanto, na quarta capa e no interior do livro, reconhecemos uma locutora que não só exprime o inverso disso, como considera a censura absurda, deixando a compreensão dessa inversão ao cargo da perspicácia do leitor.

Além disso, na *Gramática de usos do português*, a linguista Maria Helena de Moura Neves afirma que o emprego do artigo definido *a* quando precedido do pronome indefinido *toda*, pode indicar totalidade, inteireza, como fizemos ver

acima, mas também pode ter significado de *qualquer*, mesmo que esse uso não seja recomendado pela gramática prescritiva. Assim, *para toda a família* pode ser lido ainda como *para qualquer família*, ou *todo tipo de família*.

Voltando ao traço vermelho, que recai sobre esse sintagma preposicional, é possível ver mais uma camada de ambiguidade: o livro destina-se a qualquer família, ao mesmo tempo que não é para *qualquer* família – talvez indique com humor que o livro não serve à família tradicional brasileira. Uma alusão ao discurso do Kit Gay 1, que só *vê* como positiva a família tradicional, conservadora heteronormativa e como negativas todas as outras configurações familiares. Esse traço semântico, contra a diversidade, é refutado pelo discurso do Kit Gay 2 que compreende como positiva a pluralidade dos tipos de família, como é possível averiguar na figura 3, que consta no miolo do livro:



Figura 3 – Onde está a família brasileira?
Fonte: Vitorelo (2021, p. 74-75).

Nos últimos quarenta anos, estudiosos da Ciência Política têm observado o fortalecimento político de atores coletivos com agendas conflitantes na América Latina: os movimentos feministas e LGBT+, por um lado, e os segmentos católicos carismáticos e evangélicos pentecostais, por outro. Cada um desses polos é, em si mesmo, heterogêneo quando se trata de gênero e sexualidade, entretanto, os dois adotam políticas de identidade e representação. Os primeiros atuando pela promoção da igualdade de gênero e pela extensão dos direitos sexuais e reprodutivos (uma agenda marcada pelo pluralismo ético) e os setores pentecostal e católico adotando uma agenda de defesa da liberdade religiosa, da família e da moral sexual cristã (uma agenda orientada por concepções morais unitárias). (Biroli; Vaggione; Machado, 2020).

Na figura 3, também é possível observar como o discurso do Kit Gay 2 informa seu leitor de seu posicionamento favorável à agenda pluralista dos movimentos feministas e LGBT+ no que diz respeito às lutas pelo reconhecimento dos direitos das famílias homoafetivas e das famílias chefiadas por mulheres, por

dispostas em cenas genéricas diversas (sugestão de consumo, material instrucional, cartas de super trunfo, folha de caderno com anotações manuscritas, revisão textual, jogo de tabuleiro, revista de passatempo, teatro). Não há sumário, nem paginação, mas os assuntos seguem uma certa identidade visual e, dessa maneira, *O mito da virgindade* faz divisa com o *Guia para sair do armário*, por exemplo.

Algo muito semelhante ao que Gatti (2023) designou como *estética do caos*, em suas análises de episódios do podcast *Medo e Delírio em Brasília*. A estética do caos seria, segundo o analista, um produto da interdiscursividade, privilegiado para observar as tensões criadas pelo discurso. Embora o material de um *podcast* seja predominantemente sonoro e neste trabalho, tratarmos de um objeto gráfico-visual, de maneira geral, os elementos fundamentais e estruturantes dessa estética podem deixar visível o modo como um discurso interpreta o outro em determinado espaço discursivo.

Por exemplo, na figura 5, logo a seguir, os sujeitos partidários do discurso do Kit Gay 1 são satirizados por desenhos nada elogiosos, nessa estética pouco convencional, que se alia a ironia e ao tom ácido com que o Kit Gay 2 menciona seu outro para defender-se dele, ou desdenhá-lo. Aquilo que é do discurso oponente é trazido em balões com contornos lineares, ao invés de molduras solenes bem-acabadas e com letras maiúsculas, as quais podem ser entendidas como gritos, ou deselegância em contextos digitais.



Figura 5 – É tudo sacanagem!

Fonte: Vitorelo (2021, p. 20-21).

Essas páginas vêm depois de explicações sobre a origem do vocábulo *gay*, sua dinâmica de significações que podem se referir tanto a dois homens homossexuais, como às pessoas LGBTQIA+ de modo geral. Entretanto, a locutora/autora insiste que apesar de *gay* ser a palavra mais conhecida, ela só representa uma parcela de uma comunidade variada. Inclusive, reconhece que a

sigla é extensa justamente para provocar o questionamento a respeito dessa variedade.

LGBTQIA+ foi a sigla mais utilizada no livro analisado (que é de 2021). Nos últimos dois anos, foram acrescentadas mais duas letras pelos militantes do movimento: *LGBTQIAPN+*. Essa dinâmica no processo de siglação mantém as pautas do movimento sempre acesas na memória coletiva, uma vez que vai na contramão das propriedades básicas da sigla, como “resumir, ocupar menos espaço, dizer mais rápido” (Krieg-Planque, 2018, p. 191). Talvez esse seja um modo de expressar que a infinitude de experiências e de identidades sexuais e de gênero são complexas e não se encaixam em categorias homogeneizantes.

Desse modo, Vitorelo passa a definir cada um dos caracteres dessa sigla, como uma pequena amostra do mundo real, sustentando que tal volume de informação pode ser intimidador para quem não convive com pessoas *LGBT+*, por isso afirma que: “o melhor jeito de aprender é vivendo: converse com quem é diferente de você! Visite lugares aos quais você nunca foi! Plante uma árvore! E não esqueça: pessoas são apenas pessoas: Como eu e você.” (Vitorelo, 2021).

E para esse *outro* caricaturizado, que põe o estigma da promiscuidade sobre essas formas variadas de se relacionar - “é tudo sacanagem e pouca vergonha” (Vitorelo, 2021, p. 20-21) - a resposta vem numa tipografia mais formal, e com tom que alterna entre o ácido e o sereno. O tom ácido, para debochar desse “estranho” que julga o sexo alheio, enquanto podia estar plantando uma árvore e o tom sereno para reafirmar o desejo ser diferente em paz e não ser perseguido por isso, ou ficar à margem dos direitos básicos.

Além disso, o “e daí?” dito por Bolsonaro em abril de 2020, quando interpelado sobre o Brasil ter ultrapassado o número de mortes por COVID-19 na China, é retomado para demonstrar indiferença ao discurso discriminatório contido no Kit Gay 1. Como afirmam Gatti e Mendonça (2018), na impossibilidade de diálogo com o opositor imediato é muitas vezes possível dialogar com outros interlocutores, nesse caso com os leitores do livro. Daí a importância de contradizer os estereótipos, estigmas e simulacros do Kit gay 1, que reforçam o preconceito e a discriminação.

Concluindo

Até 2021, predominavam na cena midiática brasileira os efeitos de sentido pejorativos do sintagma *Kit Gay* promovidos pela desinformação veiculada por Bolsonaro e figuras da Frente Parlamentar Evangélica. Mesmo quando sites de notícia e de checagem tratavam de desmentir a farsa, o estigma negativo predominava. Com a publicação do livro de Vitorelo, podemos vislumbrar o começo de uma disputa pelo sintagma e de uma reversão de estigma pautado na valoração positiva conferida a ele.

Um projeto de resistência que começou com um zine caseiro, ao se transformar em livro tem algo da ordem do poder simbólico e não pode ser ignorado, principalmente agora que recebeu menção honrosa no prêmio *Mix Literário*, em 2023. Além disso, uma simples pesquisa no *Google*, por imagens relacionadas ao tema *Kit Gay*, traz a capa do livro de Vitorelo junto a imagens de Bolsonaro segurando o livro *Aparelho sexual e cia*. Merece atenção que a mesma

busca foi feita por dois perfis de usuários distintos e isso poderia ser mais aprofundado com ferramentas especializadas em tratamento de *corpora*, o que não coube neste momento.

É possível que com obras dessa natureza, *Kit Gay* passe a funcionar como uma fórmula discursiva e como afirma Krieg-Planque (2010, p.100), a fórmula põe em jogo a existência das pessoas (modos de vida, direitos, relações de igualdade e desigualdade) porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais. Quando polemizam em torno de uma fórmula, os atores/locutores não polemizam por nada. Toda disputa pelas palavras é também uma disputa por uma descrição do real. Nisso, enfatizamos que a publicação de Vitorelo constitui uma forma de resistência aos discursos de ódio contra as pessoas LGBTQ+, pois trata-se de uma disputa para a sobrevivência dessas pessoas no mundo concreto. De acordo com Alexandre Bogas, fundador da ONG *Observatório de Mortes e Violências contra LBGTI+*, o Brasil é país onde mais se mata pessoas LGBTQ+, uma média de duas mortes a cada três dias (Gandra, 2023).

Encontramos, ao analisar o caso da publicação do *Kit Gay: atividades lúdicas para toda a família!*, uma polêmica que sobrevive no meio digital há mais de 18 anos e passou a figurar no meio impresso e isso é significativo para começarmos a pensar a materialidade na qual os discursos de resistência se materializam na contemporaneidade. Sobretudo, quando nos encontramos diante da aceleração da distribuição de informações promovido pelas *Tecnologias da Informação e da Comunicação* (TICs). Fato que faz das polêmicas objetos complexos que demandam esforços interdisciplinares para sua compreensão.

Talvez, possamos pensar que essa migração tenha ocorrido porque importa registrar as lutas contra a desinformação e os discursos de ódio em meios menos etéreos. Isto é, mais perenes e dotados de poder simbólico, como é o caso dos livros. No entanto, é possível que esse trânsito leve consigo vestígios das tendências dos gêneros virtuais para os *físicos* e isso se faz notório nas tramas cenográficas do texto impresso analisado. O fugaz do digital resiste na cenografia que o livro adotou. Essa é uma das temáticas transversais que movimentou este trabalho, mas que não foi respondida por ele e fica aqui lançada generosamente a outros colegas pesquisadores.

Referências

ARENDDT, Hannah. Verdade e política. *In.*: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 282-332.

BECKER, Kyene. Foto mostra exposição “O cu é lindo” no Instituto Goethe, em Salvador #boato. *Boatos.Org*. Entretenimento, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.boatos.org/entretenimento/exposicao-cu-lindo-salvador.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. Introdução. Matrizes do neoconservadorismo religioso na América Latina. *In.*: BIROLI, Flávia;

VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos (org.). *Neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book. p. 14-54.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Reanto Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Transcrição da Sessão nº 208.4.53.0*, Hora: 14:56, Fase: PE, Orador: JAIR BOLSONARO, PP-RJ. Brasília: Câmara dos Deputados, 30 nov. 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.0&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ%3E>. Acesso em 29 mar. 2023.

BRULLER, Hélène; CHAPPUIS, Philippe ZEP. *Aparelho sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Seguinte, 2018.

CÊA, Georgia Sobreira dos Santos; SANTOS, Rodrigo Severiano dos. Fundamentos e condicionantes da polêmica em torno do kit de combate à homofobia: das sombras da caverna à luta por hegemonia. *Jornal de Políticas Educacionais*, v. 15, n. 27, p. 1-20, jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/79983>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGEUNEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In.: DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-219.

É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. *G1*, 16 out. 2018. *Fato ou fake*. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2022.

ELI Pariser: Tenha cuidado com os "filtros-bolha" online. Tradução: Paulo Melillo. Revisão: Viviane Ferraz Matos, [S.L.: s.n.], 2011. 1 vídeo (9 min 4s). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8ofWfx525s>. Acesso em: 09 jul. 2023.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Diretoria de Análises de Políticas Públicas. *Desinformação na era digital: ampliações e panorama das Eleições 2018*. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/3269a441-0841-47a6-84b2-c3335dccc15/content>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GATTI, Márcio Antonio. O podcast Medo e delírio em Brasília e a estética do caos como recurso do humor. *Signo y seña*. Buenos Aires, n. 44. p. 26-37, 2023. <https://doi.org/10.34096/sys.n44.13205>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GATTI, Márcio Antônio; MENDONÇA, Viviane Medo de. O estereótipo e a necessidade de (contra)dizer em tempos de conservadorismo político-religioso. *Laplage em Revista* (Sorocaba), v. 4, n. 1, jan.-abr. 2018, p. 81-91. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6275815>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GANDRA, Alana. Dossiê contabiliza 273 mortes violentas de pessoas LGBTI+ em 2022. *Agência Brasil*, 11 mai. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/dossie-contabiliza-273-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-em-2022>. Acesso em: 14 jul. 2023.

JAIR Bolsonaro no Jornal Nacional HD Completo 28/08/2018. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (28 min 35s). Publicado pelo canal Viral Vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BMAfHqUI2cM>. Acesso em: 17 out. 2022.

JAIR Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. *G1*, 28 ago. 2018. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2022.

KRIEG-PLANQUE, Alice. *Analisar discursos institucionais*. Tradução Luciana Salazar Salgado, Helena Boschi. Uberlândia: EDUFU, 2018.

KRIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de “fórmula” em análise do discurso*. Tradução Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 32, p. 119-142, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/Cc68BmV888KZbTkjwjr495M/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LEITE, Vanessa Jorge. A captura das crianças e dos adolescentes: refletindo sobre controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade nas políticas de educação. *Revista Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 11-30, set./dez. 2019. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1354>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O neoconservadorismo cristão no Brasil e na Colômbia. In.: VAGGIONE, Juan Marco. A restauração legal: o neoconservadorismo e o direito na América Latina. In: BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book. p. 113-186.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARTINS, Helena. Apresentação. Muito além das fake news: o problema da desinformação em meio à crise social. In: MARTINS, Helena (org.). *Desinformação: Crise política e saídas democráticas para as fake news*. São Paulo: Veneta, 2020. E-book. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/desinformacao-crise-politica-e-saidas-democraticas-para-as-fake-news/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. *Diversidade sexual e homofobia: a cultura do “desagendamento” nas políticas públicas educacionais*. *Revista Práxis Educativa*, v. 10, n. 1, p.35-53, 2015. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5560>. Acesso em: 10 mar. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do kit gay do mec. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.15, n.01, jan./mar. 2017. Disponível em: [https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/23427#:~:text=1%20\(2017\)%20%2F-%E2%80%99CN%C3%83O%20VAI%20SER%20PERMITIDO%20A%20NENHUM%20%C3%93RG%C3%83O%20DO%20GOVERNO%20FAZER,DO%20KIT%20GAY%20DO%20MEC](https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/23427#:~:text=1%20(2017)%20%2F-%E2%80%99CN%C3%83O%20VAI%20SER%20PERMITIDO%20A%20NENHUM%20%C3%93RG%C3%83O%20DO%20GOVERNO%20FAZER,DO%20KIT%20GAY%20DO%20MEC). Acesso em: 10 mar. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de. Kit de combate a homofobia do MEC: a polemização em torno dos recursos audiovisuais. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 16, n. 70, p. 319-334, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8643822>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PINHO, Angela. Material que originou fake news sobre 'kit gay' apareceu em 2010; entenda: Diferentes conteúdos foram atribuídos ao conjunto didático, que nunca chegou às escolas. *Folha de São Paulo*, [s.l.], 05 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/material-que-originou-fake-news-sobre-kit-gay-apareceu-em-2010-entenda.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2023.

POSETTI, Julie; MATTHEWS, Alice. *A short Guide to the history of ‘fake news’ and disinformation: a learning module for journalists and journalism educators*. ICFJ, 2018. Disponível em: <https://www.icfj.org/news/short-guide-history-fake-news-and-disinformation-new-icfj-learning-module>. Acesso em: 11 jul. 2023.

QUESSADA, Miguel. A agenda setting das fake news: uma análise da desinformação contra a esquerda brasileira à luz da ciência política. *Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate*, v. 8, n. 1, p.88-112, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/7424>. Acesso em: 29 mar. 2023.

RECUERO, Raquel. *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: relatório, resultados e estratégias de combate*. Pelotas, RS: MIDIARS - Grupo de Pesquisa

em Mídia Discurso e Análise de Redes Sociais, 1. ed, 2021. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covidmidiars-2021-1.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2023.

RUEDIGER, M.A. (Coord.) *Robôs, Redes Sociais e Política no Brasil*: Estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2017. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/?dd1a6s1=aHR0cDovL2RhcHAuZmd2LmJyL3dwLWNvbnRlbnQvdXBsL2Fkcy8yMDE3LzA4L1JvYm9zLXJlZGVzLXNvY2lhaXMtcG9saXRpY2EtZmd2LWRhcHAucGZm>. Acesso em: 07 jun. 2023.

SANTOS, Marcela Rodrigues. O professor como inimigo: análise discursiva sobre disputas em torno da “ideologia de gênero” na escola. *Revista Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 40, p. 64-79, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/70052>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SALGADO, Luciana Salazar. A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais. In.: ABREU-TARDELLI, Lília Santos; GARCIA, Talita Storti; FERREIRA, Anise de Abreu G. D’Orange (org.). *Pesquisa em Linguagem*: Diálogos com a contemporaneidade. Campinas: Pontes Editora, 2021. E- Book. p. 12-29.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Morte e vida da imprensa. In.: SILVA, Carlos Eduardo Lins da; SÁ, Nelson de; RECH, Marcelo; SEKLES, Flavia, ISRAELY, Jeff; RENNEN, Nausicaa (org.). Da pós-verdade ao risco da pós-imprensa. *Observatório da Imprensa*, Edição brasileira da Columbia Journalism Review, n. 945, 17 ago. 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/edicao-brasileira-da-columbia-journalism-review/da-pos-verdade-ao-risco-da-pos-imprensa>. Acesso em: 11 jul. 2023.

VAGGIONE, Juan Marco. A restauração legal: o neoconservadorismo e o direito na América latina. In.: BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Neoconservadorismo e democracia*: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book. p. 54-113.

VITORELO, Kael. *KIT GAY: Atividades lúdicas para toda a família!* São Paulo: Editora Veneta, 2021.

Para citar este artigo

GOMES, Mayara Victor; GATTI, Márcio Antonio. Análise de um objeto editorial como possibilidade de resistência aos discursos de ódio e de enfrentamento à desinformação. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 310-331, maio-ago. 2024.

Autoria

Mayara Victor Gomes é graduada em Letras pela Universidade de Sorocaba (Uniso) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail:

mayaravictor@estudante.ufscar.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-5615-9529>.

Márcio Antonio Gatti é doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: maggatti@ufscar.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9902-2856>.